

# COVID-19: A noite inexorável do Capital

Por Victor André Martins de Miranda\*



**\*Victor André Martins de Miranda** é especialista em Saúde Coletiva (PPG-ESC/UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia); Bacharel Interdisciplinar em Saúde (UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia); Discente da Escuela Superior de Medicina- Universidad Nacional de Mar del Plata/Argentina. E-mail: victorandremm@gmail.com



A noite desceu. Que noite!  
Já não enxergo meus irmãos.  
E nem tampouco os rumores  
que outrora me perturbavam.  
A noite desceu. Nas casas,  
nas ruas onde se combate,  
nos campos desfalecidos,  
a noite espalhou o medo  
e a total incompreensão (...)[1]

1: DRUMMOND DE  
ANDRADE, Carlos.  
A noite dissolve os  
homens.

2: Tradução minha.

on-line, que uma vez por todas paramos de nos reunir e de nos falar por razões políticas ou culturais e que troquemos apenas mensagens digitais, que sempre que possível as máquinas substituam todos os contatos -qualquer contágio – entre os humanos. (AGAMBEN,2020)[2].

Em questão de dois meses o mundo inteiro respirou o mesmo ar. A pandemia estendeu-se de Wuhan a cidades do interior do Brasil de forma implacável. No dia 28 de abril o pequeno município de Ibiaí, Minas Gerais, reportava seu primeiro caso. A quarentena, seguida de lockdown completo, torna-se norma global para o enfrentamento a crise. Em questão de poucos meses parte significativa da população mundial foi posta em um regime de isolamento social preventivo. As proporções e a cinética deste movimento deixaram-nos perplexos. A exigência rápida de encontrar respostas para nossas inquietações, tanto referente aos aspectos clínicos, epidemiológicos e farmacológicos, quanto aos políticos, econômicos, filosóficos e expressivos, tomou o espaço das produções.

Ao fim de fevereiro, pouco antes da crise do corona vírus abater-se com todo fervor sobre a Itália, Agamben publicou um primeiro texto, *L'invenzione di un'epidemia/ A invenção de uma epidemia*, de uma série na qual denuncia ferozmente as medidas de militarização do espaço público tomadas frente a pandemia. Seguiu-se a essa provocante publicação mais duas, *Contagio* e *Chiarimenti/ Esclarecimento*, tendo todas levantado polêmicas. Ao fim deste último escrito Agamben declara:

O que me preocupa não é tanto o presente, mas o depois. Assim como as guerras deixam uma série de tecnologias nefastas aos tempos de paz, como arame farpado e as centrais nucleares, é muito provável que sejam feitas tentativas para perpetuar, mesmos após essa emergência de saúde, os experimentos que os governos não haviam realizado antes: universidades e escolas fechadas com aulas

As constatações de Agamben até certo ponto se sustentam dada a dramática situação que estamos imersos, entretanto, se acompanhamos com atenção seus textos, seu juízo parece incapaz de inscrever esse sistema totalitário sob uma real emergência de saúde. Para o filósofo, as medidas de distanciamento social não são justificáveis, já que a pandemia que assombra o globo não seria tão grave assim. Em um recente texto, *Nuove riflessioni/ Nova reflexão*, o filósofo faz uma análise de dados epidemiológicos, apontando que as mortes tanto em números absolutos, quanto as relativas às enfermidades respiratórias são menores em 2020 que nos últimos anos, provando, assim, que a pandemia não passa de uma grande elaboração para emplacar a nova exceção. Os dados citados por Agamben se mostraram incoerentes com a realidade, pois dois estudos de análise de dados apontam o contrário: as mortes chegam a dobrar em alguns municípios em comparação com anos anteriores. Os estudos ainda propõem a revisão das notificações com o fim de estimar a subnotificação do 2019-nCov (MORFELD; ERREN, 2020; COLOMBO; IMPICCIATORE, 2020). As produções teóricas em meio à pandemia, nem sempre encontra um terreno fértil para razão. Rancière lança um curto texto que busca responder as inquietações postas por Agamben e outros teóricos do campo da esquerda que denunciam o que seria a consolidação do totalitarismo da biovigilância cibernética, tal como postula Preciado (2020). Em seu texto, *uma boa oportunidade?*, Rancière expõe que talvez não nos encontremos em uma posição tão favorável para refletir sobre esse fenômeno mundial e que “as análises que pipocam já estavam disponíveis entre nós, e totalmente prontas.” (RANCIERE, 2020).

Zizek, que recente teve publicado seus textos sobre a pandemia pela Boitempo, confessa seu desespero frente à atual situação, relata suas noites mal dormidas e seus pesadelos (algo pelo que muitos de nós têm passado). Ponderando as afirmações de Agamben, Zizek tenta mostrar a situação de forma mais dúbia: a distância que tomamos uns dos outros é também uma aproximação humana no cuidado do próximo (ZIZEK, 2020, p.120-125). Apesar das discordâncias, Zizek deixa em aberto o impacto

e as consequências que a crise trará ao sistema econômico e as medidas políticas adotadas. Aposta, de um lado, que o corona vírus comprova o fracasso do sistema capitalista- exigindo medidas “socialistas” como estatização de hospitais ou mesmo a dúvida de Trump em aprovar o UBI (Universal Basic Income/ renda básica universal). Mas, de outro lado, revela uma face perversa e essencial do capitalismo, como a tentativa de Trump em oferecer bilhões de dólares às companhias farmacêuticas que desenvolvem a vacina para que sua produção seja restrita aos EUA. Zizek chega a dizer que o corona vírus impõe situação similar à que o comunismo de guerra impôs à Rússia revolucionária de 1918- isto é um exagero (Ibdem, 128-130). Talvez o que ele tente é acalmar nossos corações da dúvida sobre qual o sentido da exceção: o comum ou o capital?

No cenário nacional, estamos submetidos a essas contradições de forma ainda mais severa. O governo de Bolsonaro tornou o Brasil um epicentro da necropolítica. Os atuais números: mais de 350 mil casos confirmados, 22 mil mortes e um tempo médio de duplicação da epidemia de 5 dias. A subnotificação gigantesca faz com que esses dados sejam incapazes de representar a realidade. Segundo Claudio Maierovitch (2020), coordenador do Núcleo de Epidemiologia e Vigilância em Saúde da Fiocruz Brasília, para expressar a situação brasileira, seria necessária uma correção de 10 a 20 vezes sobre esses valores: a realidade é próxima de 3,5 milhões de brasileiros infectados[3]. Nessa conjuntura, Bolsonaro continua a apostar no grande mito da “imunidade de rebanho. A tese de que se alcançaria a “imunidade de rebanho” (imunidade comunitária) prova-se cada vez mais ser um delírio ultradireitista. Países extremamente impactados pela pandemia, como é o caso da Espanha não tiveram muito mais que 5% da população exposta ao novo vírus, isso significa que, para alcançar a “imunidade de manada” a Espanha teria de aumentar em 14 vezes o número de contaminados. Para que isso seja possível no Brasil, mais de 150 milhões de pessoas deverão ser expostas ao novo corona vírus, esse quadro traria, nas análises mais conservadoras, mais de 500 mil mortes (MAIEROVITCH, 2020), um verdadeiro genocídio, e um colapso total dos serviços de saúde. A chamada imunidade de rebanho é o verdadeiro agenciamento da morte.

Somada a essas fake news epidemiológicas, o governo, respaldado pelo autoproclamado epidemiologista e infectologista Osmar Terra, defende o que seria um “isolamento vertical”. Esse termo, totalmente desconhecido pelo campo da epidemiologia, parece

3: Dados  
correspondentes ao  
dia 24/05/2020

ter alçado a direita brasileira através de uma via exaustivamente conhecida: a direita americana. Em uma “arqueologia” do termo, Naomar de Almeida Filho (2020) encontra a origem dessa “tosca fraude pseudocientífica” em David Katz, médico americano sem qualquer relação com o campo da epidemiologia, que teve seu termo amplamente questionado pela comunidade científica. A partir dele, Trump, em um pronunciamento, indica o “isolamento vertical” como uma possível estratégia para a pandemia. Completando esse quadro de desinformação, a verdadeira cruzada de Bolsonaro pela divulgação de orientações que defendam o uso ampliado dos fármacos cloroquina (CQ) e hidroxicloroquina (HCQ), nos mostra que a verdadeira “guerra” empreendida é contra os serviços de saúde. A saída de dois ministros da saúde, ambos publicamente humilhados por Bolsonaro, leva o Brasil a uma situação cada vez mais desastrosa para lidar com a pandemia. É com esse tripé de pseudociência que o governo busca encarar a crise: imunidade de rebanho, isolamento vertical e uso indiscriminado de HCQ e CQ. Essa é a resposta malthusiana para crise, como tem qualificado Michael Roberts (2020).

A militarização dos quadros técnicos do Ministério da Saúde traça um destino cada vez mais infeliz para o Brasil. Após a saída de Teich, Bolsonaro parece ter se convencido que, sem eliminar quaisquer resquícios técnicos dentro do ministério, não conseguirá perpetuar sua política da morte. A saúde brasileira sofre nessa pandemia suas mais duras perdas. Em um momento que poderia provar sua vocação de excelência, sofre o desmantelamento como política institucional. Somente nos últimos meses foram nomeados 21 militares a cargos estratégicos do ministério, maior parte desses sem qualquer vinculação com a saúde. A verdadeira exceção brasileira é o totalitarismo da morte.

Em meio a esse cenário desastroso de emergência em saúde, o ministro Celso de Melo, do STF, decide tornar pública a reunião ministerial do governo. As falas nos apresentam a quintessência do fascismo brasileiro. Antes de nelas nos adentrarmos, cabe sublinhar o total descaso com a situação sanitária que praticamente não é tema de nenhuma fala. Os pronunciamentos de Bolsonaro e seu time de cavaleiros do apocalipse, parecem a qualquer olhar sensato a mais pura expressão da miséria intelectual e de um canalhismo facínora. Independente ser esse o caso, cabe ressaltar as características primordiais do fascismo que aí então presentes. Em *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e

Horkheimer, apontam essa como a constituição fundamental do pensamento fascista: sustenta-se em uma falsa projeção sobre o mundo exterior, forçando esse, violentamente, a se adequar a um desvio da realidade. Esse modelo, frente à realidade, leva a outra inversão, “os impulsos que o sujeito não admite como seus (...) são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial” (ADORNO; HORKHEIMER. 2018, p.154). O “delírio” fascista nos ajuda a entender o que parece ter se passado dentro do Ministério da Saúde. A narrativa de que só há “uma gripezinha” se mostrou incapaz de influir nos quadros técnicos do ministério, a saída para que essa negação da realidade é a supressão daqueles que a compreendem. A cruzada contra o Ministério da Saúde nos mostra que o projeto fascista de Bolsonaro está disposto a alçar as máximas consequências na defesa da sua enunciação da verdade. A noite fascista cobre o cenário nacional.

Em meio a tudo isso, o SUS, sistema que trava uma luta incessante contra o sucateamento desde sua fundação, esse agravado com a PEC 95 de limitação de gastos, é chamado agora para assumir uma tarefa hercúlea na oferta de atenção em saúde frente a uma pandemia contra a qual somente os sistemas públicos têm sido capazes de dar alguma resposta consistente. Importante recordar que o surgimento do SUS é concomitante à intensificação das medidas neoliberais impostas à América Latina pelo FMI e o Banco Mundial. Desde sua fundação em 1988, a ameaça de ser privatizado é contínua e crescente- exemplo disso é a instituição das Organizações Sociais da Saúde (OSS) sob o governo neoliberal de FHC e o sistemático corte de gasto em todos estes anos[4]. As OSS, espinha dorsal do processo de mercantilização do setor da saúde, crescem como nunca dentro da pandemia. Os Hospital de Campanha construído por Dória é entregue à OSS do Hospital Albert Einstein, o construído em Natal, também entregue a uma OSS, custa mais do que seria necessário para reativar e ampliar os hospitais públicos já existentes – e o cenário parece se repetir de norte a sul. O SUS, que é um dos exemplos de sistema de saúde no mundo todo, é levado a enfrentar a crise sob as mais desfavoráveis circunstâncias. Os profissionais são expostos a condições precárias e desumanas de trabalho.

A situação de saúde dos povos indígenas em meio a essa pandemia é dramática. O Subsistema de Atenção à Saúde Indígena que já tinha, em momentos de “normalidade”, dificuldade em derivar pacientes necessitados de cuidados de média e alta complexidade, agora sofrerá desafios particulares e

4: Ver: MORAIS, Heloisa Maria Mendonça de *et al.* *Organizações Sociais da Saúde: uma expressão fenomênica da privatização da saúde no Brasil.*

diversos a depender de cada comunidade assistida. O desfalque imenso de profissionais médicos gerado pelo cancelamento do programa Mais Médicos pelo governo Bolsonaro, impactou especialmente o subsistema de saúde indígena. Aliado a este, o corte de verbas e a falta de transporte, que em grande parte dos contextos impossibilita a atenção à saúde de uma comunidade por completo, desenha um quadro geral desesperador. Triste é que mais uma vez as comunidades indígenas serão expostas a um quadro de infecção respiratória grave contra o qual está desarmada. A oferta de atenção à saúde indígena se inicia com Noel Nutels, na década de 50, dentro do SPI com o SUSA (Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas), em meio à grande epidemia de tuberculose que afligia as comunidades ameríndias que entravam em contato com a frente de colonização. Agora o cenário pode ser mais grave: diferentemente da tuberculose não temos vacinas. A situação de espoliação do território indígena tem lançado na miséria aldeias e povos inteiros que veem seu território destruído pela mineração, desmatamento e o plantio extensivo de soja. Esses recentes acontecimentos que por si só impactam imensamente na saúde da comunidade, neste cenário são agravantes. A ameaça às populações indígenas também vai ao campo epistêmico. Muitas comunidades possuem como referência de seus saberes os seus anciãos, esses serão os mais vulneráveis ao 2019-ncov. O corona vírus pode trazer, também, uma grande perda epistêmica, muitos cantos, línguas e saberes se encontram ameaçados, tanto dos povos originários quanto de todas comunidades tradicionais e populares.

Nesse cenário, existe uma discrepância enorme entre a vulnerabilidade da população pobre e a das classes médias e altas. A primeira morte pelo corona vírus no estado do Rio de Janeiro, não acidental, foi de uma trabalhadora doméstica, infectada pela patroa que não a comunicou da suspeita de seu quadro. Esse acontecimento é marcante por expor a diferença de classes e suas consequências para com a infecção viral. Um instigante estudo que visa caracterizar os espaços interurbanos da cidade do Rio de Janeiro quanto à vulnerabilidade à ocorrência da forma grave da SARS-CoV-2, conclui que as áreas de maior vulnerabilidade se encontram em “comunidades carentes encrustadas nas áreas nobres (zonas Sul e Oeste, ambas litorâneas) como Rocinha e Cidade de Deus” (Santos *et al.* 2020, p.10). A doença, que foi trazida pelas classes médias, impactará de forma muito mais severa as populações pobres. O referente estudo ainda não mensura os efeitos econômicos e sociais sobre essas comunidades, a situação parece ser ainda mais grave.

Apesar de estamos todos conectados pelo contágio, a pandemia não é homogênea.

As 748 mil pessoas privadas de liberdade encontram-se em uma dantesca vulnerabilidade frente a pandemia. As prisões brasileiras reconhecidas por serem verdadeiras masmorras superlotadas já enfrentavam em 2018 um quadro gravíssimo de epidemia de tuberculose, além outros problemas de saúde como HIV, sarna e hepatite. Presos possuem 35 vezes mais casos de tuberculose que a população livre, são mais de 10 mil casos notificados de tuberculose em presídios em todo Brasil. Nas mais de 1,4mil penitenciárias brasileiras, 48% não tem farmácia ou sala de estoque para medicamentos, 81% não contam com sala de lavagem e descontaminação. Uma liminar que tentava uma pena substitutiva para os presos mais vulneráveis (idosos, lactantes, tuberculosos...)- seguindo ações similares tomadas para reduzir a população carcerária no Irã e na Itália- foi sistematicamente negada pelo STJ. O governo, apoiando a posição do STJ, recomendou isolamento dos presos contaminados e instalação de cortinas em penitenciárias sem celas de isolamento. É nesta conjuntura que, no dia 16 de março, ocorreu uma das maiores rebeliões penitenciárias dos últimos anos, na qual, segundo a Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo, fugiram 1375 presos. As condições de superlotação, chegando a 300% em alguns casos, apresenta um cenário catastrófico: caso 10 pessoas privadas de liberdade sejam contaminadas, em 14 dias o contágio alcançaria 67% e em 21 para a totalidade dos detentos (Sánchez *et al.* 2020, p.1). As ações em saúde voltadas para os presídios não podem limitar-se à interdição de visitas, é necessária a elaboração de protocolos para mitigar os terríveis efeitos da pandemia sobre a população privada de liberdade. A nota da Associação de Familiares e Amigos de Presos e Presas do Estado da Bahia (2020) repudia o cenário de insalubridade total das penitenciárias e exige que sejam tomadas medidas sérias para resguardar a vida de seus entes queridos.

A crise sanitária combinada com o fascismo nacional é ainda agravada pelos ventos da economia mundial. Aos fins de 2019 todas economias mundiais apresentavam sinais de grave crise econômica. Prever se essa seria pior que 2008 ou que 1929 dividiu opiniões entre os analistas. O discurso de Mark Carney, presidente do Banco da Inglaterra, em agosto de 2019, analisado por Frederick William Engdahl (2019), anunciava um cenário de crise catastrófica para a economia global na qual o dólar

deixaria de ser a moeda dominante do mercado internacional. Em substituição, o FMI instituiria, a partir de uma reserva de multimoedas, uma nova moeda estável internacional. Essa seria uma moeda digital blockchain que unificaria de vez o sistema monetário internacional, a partir de um controle rigoroso sobre todas movimentações bancárias existentes: não haveria mais papel moeda, toda transação será capaz de ser rastreada pelos bancos centrais e o FMI. Tal projeto, apesar de assustador, não é divergente das políticas implementadas nos últimos anos – a construção de uma sociedade de mercado total se intensifica cada vez mais. Nesse cenário, o FED (Federal Reserve System/ Sistema de Reserva Federal) tem injetado trilhões de dólares na economia desde o fim do ano passado, mostrando que cada vez menos a injeção massiva de dólares tem sido capaz de segurar a gigante crise financeira que se abate sobre o cenário americano e internacional. A crise chinesa, outro lado da mesma moeda do capitalismo internacional, também é dramática: cálculos apontam que haja até 300% de endividamento em relação ao PIB. A crise do mercado imobiliário na China e a grande redução da produção industrial, desde antes da crise viral e agora mais significativa, são alguns fatores que mostram a crise geral do capital.

Apesar da alegação desta crise econômica ser fruto exógeno do capitalismo, causada pelo novo vírus, ela nada tem de estranho a este, tanto suas implicações econômicas, quanto o próprio surgimento do vírus. Como defende Rob Wallace (2020), as mazelas são intrínsecas ao capitalismo: o covid-19 é uma crise sistêmica do capital. Os primeiros efeitos da crise catalisada pela pandemia mostram seu caráter global. Pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial o PIB mundial retrai, cenário esse que só se apresentou nos anos finais da Segunda Guerra Mundial (2020). Michael Roberts, que tem analisado as implicações econômicas da pandemia, apresenta um cenário nada otimista para o futuro próximo. Parte dos economistas que ainda possuem expectativas positivas para a crise, pensam que assim que a pandemia passar, veremos uma rápida recuperação em V das economias, entretanto, segundo Roberts, eles parecem esquecer que essa não se trata de recessão normal e particular de uma única região, ela é um fenômeno total que atinge todo o globo simultaneamente. Economistas do grupo Nomura apontam que o PIB europeu só se recuperará da crise em 2023. A contração da economia dos países “emergentes” será ainda mais brutal.



O cenário nacional do Brasil frente a essa conjuntura é gravíssimo, os planos neoliberais de Guedes-Bolsonaro têm entregado as riquezas do povo brasileiro e construído uma economia colonial, onde a grande burguesia lucra a despeito da imensa exploração da classe trabalhadora – consolida-se o Brasil como estado títere dos interesses norte-americanos. A desindustrialização completa o quadro para reduzir o Brasil ao grande quintal colonial do mundo. O Brasil cada vez mais bate o próprio recorde em desigualdade social. Os conflitos agrários, a perseguição aos camponeses pobres, povos originários, quilombolas e demais comunidades do campo se intensificam como nunca. O genocídio do Povo Negro nas vilas e favelas avança como parte central do governo miliciano de Bolsonaro. A violência do estado bate índices recordes, tanto na tortura quanto no assassinato. Consolida-se cada vez mais o genocídio institucional do Povo Negro e dos Povos Indígenas. O mal chamado Estado Democrático de Direito – seu verdadeiro nome Estado Penal– se instaura na consolidação do estado de guerra total ao inimigo interno: mulheres, LGBTQIs, trabalhadoras/es, os povos originários, a população negra, os movimentos sociais, os defensores dos direitos humanos e do meio ambiente, os comunistas, socialistas e a “esquerda” em geral. A crise econômica nacional será paga pela classe trabalhadora. As ditas medidas econômicas que cassaram os direitos trabalhistas nos mostram que a pauperização é regra.

Estamos em uma encruzilhada entre o obscurantismo necrófilo fascista e medidas que tratam a questão da saúde como uma pauta policial. A triste conjuntura brasileira nos impõe retrocessos enormes no campo da Saúde Coletiva. Nascida da América Latina, fundada no pensamento crítico marxista, essa pode ser a nossa maior arma teórica para presente situação. Nesse cenário de necropolítica, medidas que buscam dar respostas à situação tomando a saúde como questão policial não devem ser naturalizadas. A crítica deve ser combinada com propostas reais para nos tirar dessa situação. Paranoia, fake-news e desespero são as receitas para a consolidação de uma sociedade obscurantista. A nova lei de quarentena aprovada 13.979/2020, chamada de AI-5 sanitário, elaborada pelo governo de Bolsonaro e rapidamente aprovada pelo congresso, impõe um estado de militarização do cuidado à saúde. Essa nova lei faz coro e dá continuidade à lei epidemiológica, ainda vigente, da ditadura militar (6.259, 30 out. 1975), essa que nada diz da proteção dos direitos das pessoas afetadas em uma situação de epidemia e pouco direciona quais são os procedimentos

de adoção e implementação de medidas em emergência em saúde pública. A nova regulamentação não deixa claro quais serão as punições ao desrespeito a quarentena, nem é capaz de sistematizar quais devem ser as ações sanitárias tomadas pelo sistema de saúde. Assim, por sua abertura, torna-se uma lei “carta-branca” para restringir liberdades, sem necessidade de comunicar suas decisões a órgãos do Ministério Público sua decisão.

O corona vírus escancara a crise sistêmica do capital. Os exemplos mais emblemáticos para sair da pandemia são frutos de experiências socialistas: a China com seus Comitês Populares Locais, Cuba, Vietnam e o estado de Kerala na Índia, administrado pelo Partido Comunista da Índia (marxista), dentre outras experiências, provam que é possível outro caminho. No plano nacional é emergente defender mais que nunca o SUS e denunciar o desmonte e a militarização do setor saúde. A crise eleva a situação brasileira a seus máximos oximoros. Como Mascaro tem avaliado, em âmbito geral, apresenta elementos de “incômodo extremo com a reprodução quotidiana e imediata da subjetividade” (2020, p.39), é uma crise total do capital. De fato, a virtualidade toma cada vez mais espaço no capitalismo, entretanto, por ora, a construção de um mundo totalmente virtual não parece tão próxima. O capital precisa dos corpos, prefere levar esses à morte do que “controlá-los” desde suas casas. Isso não significa que a questão da virtualidade não seja preocupante, a abstração virtual é o *telos* mitológico do capital. Ao fim da pandemia devemos mais do que nunca tomar os espaços das ruas. O otimismo de Bifo de que a sobrecarga da conexão irá quebrar seu feitiço (2020) parece generosa demais, entretanto, a pandemia nos mostra que somos corpos integrados, seres holobiontes, a retomada da militância corpo-a-corpo deve ser política central da esquerda. Restará para nós a construção de um novo mundo sobre sucatas, mas não tenhamos medo, a alvorada há de ser rubra e calorosa, colhamos a poesia do mundo porvir.

## Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2018.

AGAMBEN, Giorgio. **Chiarimenti**. 17 de março de 2020. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-chiarimenti>. Acesso em: 25/05/2020.

AGAMBEN, Giorgio. **Contagio**. 11 de março de 2020. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-contagio>. Acesso em: 25/05/2020

AGAMBEN, Giorgio. **L'invenzione di un'epidemia**. 22 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia>. Acesso em: 25/05/2020.

AGAMBEN, Giorgio. **Nuove Riflessioni**. 22 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-nuove-riflessioni>. Acesso em: 25/05/2020.

ALMEIDA FILHO, Naomar. O isolamento vertical defendido por Bolsonaro é uma fraude pseudocientífica. 22 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/opiniao/o-isolamento-vertical-defendido-por-bolsonaro-e-uma-fraude-pseudocientifica-artigo-de-naomar-de-almeida-filho/48549/>. Acesso em: 25/05/2020.

BIFO, Franco Berardi. **Para além do colapso**: três meditações sobre um possível depois. Tradução Ana Luiza Braga. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/051>. Acesso: 25/05/2020.

COLOMBO, Asher D.; IMPICCIATORE, Roberto. La crescita della mortalità ai tempi del Covid-19; Analisi di 1.084 comuni italiani. Istituto Carlo Cattaneo, Bologna. 2020. Disponível em: <https://www.cattaneo.org/2020/04/01/gli-effetti-del-covid-19-sulla-mortalita/>. Acesso em: 25/05/2020.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Sentimento do Mundo. São Paulo, Companhia das Letras. 2012.

ENGDAHL, Frederick William. O FED está se preparando para a ruína do dólar? Tradução Gabriel Deslandes. Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2019/10/01/o-fed-esta-se-preparando-para-a-ruina-do-dolar/>. Acesso: 25/05/2020.

MAIEROVITCH, Claudio. In: *'A covid-19 se espraia e desafia o País. O que fazer?'*. 18 de maio de 2020. **Videoconferência**. Cebes Nacional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZczWxO4FNRA&t=1272s>. Acesso em: 25/05/2020.

MAIEROVITCH, Claudio. O mito do pico. 6 de maio. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/saude-da-populacao/o-mito-do-pico-artigo-de-claudio-maierovitch-pessanha-henriques/47848/>. Acesso em: 25/05/20.

MASCARO, Alysson Leandro. **Crise e Pandemia**. São Paulo: BOITEMPO. 1 de abril de 2020.

MORAIS, Heloisa Maria Mendonça de *et al.* Organizações Sociais da Saúde: uma expressão fenomênica da privatização da saúde no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, e00194916, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2018000105017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000105017&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 25/05/2020.

MORFELD, Peter; ERREN, Thomas C. "Todesfälle in neun Regionen Italiens im Februar/März 2020: Mortalitäts-Exzess-Lupe" für SARS-CoV-2/COVID-19-Epidemiologie in Deutschland" [Deaths in nine regions of Italy in February/March 2020: "Mortality Excess Loupe" for SARS-CoV-2/COVID-19-Epidemiology in Germany]. **Gesundheitswesen (Bundesverband der Ärzte des Öffentlichen Gesundheitsdienstes (Germany))**, 30 Abril de 2020.

MUNIZ, Bianca; FONSECA, Bruno. Em alerta por coronavírus, prisões já enfrentam epidemia de tuberculose. 17 de março de 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/03/em-alerta-por-coronavirus-prisoas-ja-enfrentam-epidemia-de-tuberculose/>. Acesso: 25/05/2020.

PRECIADO, Paul B. **Aprendiendo del virus**. 28 de março de 2020. Disponível em: [https://elpais.com/elpais/2020/03/27/opinion/1585316952\\_026489.html](https://elpais.com/elpais/2020/03/27/opinion/1585316952_026489.html). Acesso em: 25/05/2020

RANCIÈRE, Jacques. **Uma boa oportunidade?** Tradução Peter Pál Pelbart. 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/039-1>. Acesso em: 25/05/2020

ROBERTS, Michael. **It was the virus that did it**. 15 de março de 2020. Disponível em: <https://thenextrecession.wordpress.com/2020/03/15/it-was-the-virus-that-did-it/>. Acesso em: 25/05/2020

ROBERTS, Michael. **The post-pandemic slump**. 13 de abril de 2020. Disponível em: <https://thenextrecession.wordpress.com/2020/04/13/the-post-pandemic-slump/>. Acesso em: 25/05/2020.

SÁNCHEZ, Alexandra Roma , *et al.* COVID-19 nas prisões: um desafio impossível para a saúde pública?. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, e00083520, Abr. 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1049/covid-19-nas-prises-um-desafio-impossivel-para-a-sade-pblica>. Acesso em: 25/05/2020 .

SANTOS, Jefferson Pereira Caldas dos, *et al.* Vulnerabilidade a formas graves de COVID-19: uma análise intramunicipal na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, e00075720, Abr. 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1062/vulnerabilidade-a-formas-graves-de-covid-19-uma-anlise-intramunicipal-na-cidade-do-rio-de-janeiro-brasil>. Acesso em 25/05/2020.

VENTURA, Deisy de Freitas Lima; AITH, Fernando Mussa Abujamra; RACHED, Danielle Hanna. **“A emergência do novo coronavírus e a “lei de quarentena” no Brasil”**. Revista Direito e Práxis, Ahead of print, Rio de Janeiro, 2020, p.12 . Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/viewFile/49180/32876>. DOI: 10.1590/2179-8966/2020/49180

WALLECE, Rob, *et al.* **O COVID-19 e os circuitos do capital**. Tradução de Ana Cláudia Holanda e Francisco Freitas. 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/026>. Acesso: 25/05/2020.

ZIZEK, Slavoj. **Pandemia: A reinvenção do comunismo**. Tradução de Arthur Renzo. São Paulo: BOITEMPO. 1 de abril de 2020.